

CONTINUUM CURRICULAR E OS DESAFIOS DO ENSINO- APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DAS AULAS DE GEOGRAFIA NUM COLÉGIO PÚBLICO EM FEIRA DE SANTANA/BA

Carolina Dias da Cruz ¹
Beatriz Vieira de Jesus Freitas ²
Célia Regina Batista dos Santos ³

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender os impactos da proposta do Continuum Curricular, dentro do contexto da pandemia, para o ensino e a aprendizagem da geografia na educação básica, tendo como lócus o colégio campo de estágio. A metodologia segue uma abordagem qualitativa, com coleta de dados desenvolvida a partir da aplicação de questionários a 29 participantes: 25 (vinte e cinco) estudantes, 3 (três) professoras e 1 (uma) coordenadora pedagógica. Os resultados obtidos apontam que os alunos apresentam várias dificuldades que estão relacionadas a modalidade de ensino adotada de maneira emergencial. Quanto aos professores, dentre as principais dificuldades enfrentadas, encontram-se o desinteresse e a defasagem de conteúdo dos alunos.

Palavras-chave: Continuum curricular, Democratização digital, Ensino-aprendizagem, Disciplina Geografia

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como ponto de partida o estudo sobre a retomada das aulas presenciais e os desafios de educadores e estudantes, a partir da realidade do colégio onde foi desenvolvido o estágio supervisionado. A pandemia do COVID-19 atingiu o mundo no primeiro semestre de 2020 e obrigou vários países, incluindo o Brasil, a adotarem medidas que contivessem a propagação do novo vírus (a exemplo do distanciamento social) que dentre outras consequências, resultaram na interrupção de aulas presenciais na educação básica e no ensino superior. O ensino remoto se apresentou, então, como uma alternativa para a continuidade das aulas, o que se tornou um grande desafio tanto às secretarias de educação,

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS cdcruz455@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana -UEFS beatrizv604@gmail.com

³ Professora orientadora : Doutora em educação, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS celiaregina@uefs.br

quanto aos estudantes e educadores que precisaram se reinventar para o uso de uma série de ferramentas digitais para transmitir e mediar suas aulas.

E não foi diferente aqui na Bahia. Para o retorno das aulas de forma remota, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia elaborou um conjunto de diretrizes para amenizar os impactos pedagógicos da suspensão das aulas, decorrentes do distanciamento social, na vida escolar dos alunos. E uma das propostas foi o *Continuum Curricular*, que permitiu que os estudantes realizassem 2 séries/ anos escolares contínuos. Assim, durante as aulas remotas, os estudantes teriam, em tese a oportunidade de recuperar os conteúdos do ano letivo perdido e, ao mesmo tempo, estudar os conteúdos do ano letivo em curso.

Entretanto, a despeito da preocupação da proposta em proporcionar aos estudantes possibilidades de cursar dois anos letivos em um, no contexto real, todos sabemos que a inserção no ensino remoto não foi igual para todos. Muitos alunos tiveram déficit de aprendizagem durante a pandemia, outros não tiveram uma linearidade de aprendizagem satisfatória, porque uns não tinham internet em casa, ou tinham que dividir o celular com seus pais e irmãos, pelo fato também de estudarem sozinhos e serem orientados às escuras.

Com o fim das aulas remotas desde outubro de 2021, vários desafios são impostos aos professores, entre eles, a constante tarefa de lembrar assuntos, tendo em vista que estudantes não conseguem recordar o que estudaram desde março de 2020. Ou mesmo ensinar conteúdos que os alunos não conseguiram aprender ou que sequer tiveram acesso nesse processo de ser promovido de um ano a outro, sem ao menos cursá-lo direito. Por exemplo, como evoluir na aprendizagem sobre o assunto cartografia no sexto ano, se o estudante não aprendeu o mínimo da matemática para entender a escala?

Foi esse o contexto que encontrei na escola campo de estágio no primeiro semestre de 2022, ao iniciar as atividades de observação e regência compartilhada (referente ao Componente Curricular Estágio Supervisionado em Geografia II) em um colégio da rede estadual de educação da Bahia, localizado no município de Feira de Santana. Começamos a observar aulas de geografia e ouvir professores e perceber o quanto estava sendo difícil esta retomada, principalmente no sentido de recuperar o conteúdo atrasado, de geografia, sem perder o objetivo de evoluir gradativamente nos demais assuntos.

Diante dessa realidade, começamos a fazer algumas reflexões que conduziram à seguinte pergunta de pesquisa: *Na opinião de professores e alunos do ensino fundamental e médio do colégio campo de estágio, como o currículo continuum vem afetando o ensino e a aprendizagem da geografia?*

Para responder à questão central da pesquisa, estabelecemos como objetivo geral: Compreender os impactos da proposta do *Continuum Curricular* para o ensino e a aprendizagem da geografia na educação básica, tendo como lócus o colégio campo de estágio. E como objetivos específicos: Identificar a opinião das professoras investigadas sobre a proposta de *Fluxo Continuum* deliberada pela Secretaria de Educação da Bahia; avaliar até que ponto o *Fluxo Continuum* afetou o processo de aprendizagem dos alunos na disciplina de geografia; investigar como as lacunas nos conhecimentos geográficos dos alunos vem afetando a rotina das aulas de geografia; identificar quais as estratégias utilizadas pela escola e pelas professoras para recuperação da aprendizagem, no sentido de dar prosseguimento aos assuntos do ano letivo; identificar a opinião dos estudantes envolvidos sobre as aulas remotas e a proposta do continuum curricular. Assim, a importância dessa pesquisa se justifica pela tentativa de compreender como aconteceu o processo do continuum curricular, suas consequências e os desafios para a equipe escolar no processo ensino aprendizagem dos alunos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que, de acordo com Godoy (2005), preocupa-se com a qualidade na interpretação dos problemas, através da descrição, compreensão e interpretação do fenômeno em estudo.

No que tange ao processo de construção dessa pesquisa, ela começou a ser desenvolvida entre os meses de abril a dezembro de 2022, durante a realização dos Estágios Supervisionados em Geografia II e III (observação, coparticipação e regência de classe). Estabelecemos o mês de março de 2023 (início do Estágio Supervisionado em Geografia IV) como período para coleta de dados e, para isso, foi utilizado um questionário que continha perguntas pessoais e outras relacionadas às aulas remotas, o retorno das aulas presenciais e os desafios do processo de ensino aprendizagem. O questionário foi desenvolvido e aplicado de forma presencial, por meio do aplicativo Google Forms, e foi respondido por 25 estudantes do ensino fundamental e médio, 03 professoras e coordenação pedagógica do colégio campo de estágio.

A fim de preservar as identidades dos integrantes da pesquisa fez-se uso de letras do alfabeto para representar os estudantes e fez-se o uso de pseudônimos, utilizando nomes de

espécies de plantas cactáceas da Região Nordeste do país, em substituição dos nomes das professoras.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pandemia oriunda da COVID-19 fez com que a sociedade do mundo todo tomasse algumas medidas de segurança, dentre elas o distanciamento e o isolamento social. Devido esse isolamento, sucedeu o fechamento das unidades escolares como forma de prevenção para conter a proliferação do vírus. Mediante o exposto, quando as aulas presenciais foram suspensas os educadores tiveram que se reinventar e enfrentaram o desafio de reelaborar sua prática pedagógica para dar continuidade às aulas e não deixar os estudantes sem o amparo escolar necessário. Para isso adotaram o ensino remoto (SOARES et al., 2021).

Seguindo as orientações do MEC para manter o distanciamento social e conter a disseminação do vírus, o Estado da Bahia buscou adotar medidas para realização das aulas remotas, em todos os níveis da educação básica. A proposta de retorno às aulas em 2021, da Secretaria da Educação do Estado - SEC/BA, contava com três fases das atividades escolares: remota, híbrida e totalmente presencial, sendo que esta última ocorreria apenas quando houvesse condições de segurança para a comunidade escolar. Este contexto de aulas remotas trouxe uma série de preocupações e incertezas quanto ao acesso e qualidade desse novo modelo de ensino adotado, haja vista que, de acordo com Cavalcanti (2002, p. 33), a escola é “[...] um lugar de encontro de culturas, de saberes científicos e cotidianos”, e para além dos seus muros (estrutura física), a escola também é palco de relações sociais, ou poderíamos dizer, sócio- espaciais.

O fato foi que a possibilidade de retorno às aulas não presenciais, através do ensino remoto, foi marcada pela criação e estabelecimento de leis, portarias e decretos que nortearam e deram direcionamento quanto ao retorno das aulas em meio a pandemia.

Dentre esses documentos, podemos destacar a lei no 14.040 de 18 de agosto de 2020, que estabelece em âmbito nacional normas que podem ser adotadas durante o estado de calamidade e que serviu de âncora para a criação de alguns decretos e portarias estaduais. E a portaria 637/2021 que estabeleceu a reorganização das atividades letivas nas escolas da rede estadual de ensino e determinava que:

Art.2o O cumprimento dos objetivos de aprendizagem e a integralização da carga horária mínima do ano letivo de 2020 serão realizados por meio do continuum das duas séries escolares no ano civil de 2021, observadas as diretrizes nacionais

editadas pelo CNE, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas diretrizes do Conselho Estadual de Educação (CEE) (BAHIA, 2021).

Essa portaria instituiu a inclusão do “tão falado” *currículo continuum* nas escolas estaduais, proposta norteadada por uma resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), homologada pelo Ministério da Educação, que surgiu da necessidade de enfrentar o momento pandêmico para assegurar que os estudantes pudessem ter as aprendizagens essenciais (MONTEIRO e FERREIRA, 2021). Neste contexto, todos os estudantes foram migrados ou aprovados para série/ano seguinte de forma automática e precisaram, no ano de 2021, realizar duas séries de forma gradativa, sem interrupções. Isso causou uma grande lacuna, visto que muitos estudantes foram promovidos de uma série para outra sem o conhecimento mínimo necessário para acompanhar os conteúdos abordados na série seguinte, conforme veremos mais adiante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem são os alunos investigados?

O ensino remoto escancarou as desigualdades socioeconômicas presentes em nosso país. Alunos de escola pública, em sua grande maioria, foram excluídos do processo educacional por não possuírem condições tecnológicas para dar continuidade aos estudos. Segundo Stevanim (2020) 4,8 milhões de crianças e adolescentes vivem em domicílios sem acesso à internet no Brasil, o que corresponde a 18% dessa população. A autora aponta que:

Se levar em conta a forma de acesso, 58% dos brasileiros nessa faixa etária acessam à internet exclusivamente pelo celular — o que pode dificultar a execução de tarefas relacionadas a aulas remotas emergenciais durante a pandemia.

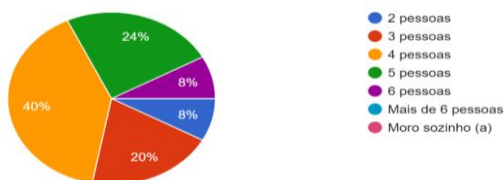
E em relação aos alunos investigados? Que condições tecnológicas possuem? Será que eles também tiveram acesso à internet, exclusivamente, pelo celular?

Como já foi destacado anteriormente, a pesquisa foi realizada com estudantes do 7º ao 3º ano do ensino médio. Buscou-se, por meio do questionário, conhecer os estudantes investigados e entender como a pandemia afetou a vida e a aprendizagem deles. O questionário aplicado foi respondido por 25 estudantes, com idades que variam entre 12 e 19 anos, sendo eles residentes nos bairros: Feira VI, Campo limpo, Novo horizonte, Papagaio e Matinha, todos considerados de periferia urbana.

Inicialmente, buscamos informações sobre o contexto social e tecnológico dos sujeitos investigados, com o objetivo de entender um pouco essa realidade deles. Inicialmente, suas respostas indicaram que muitos tinham a casa cheia de pessoas e sem um espaço ideal para

estudar. O gráfico abaixo corresponde à pergunta relacionada a quantidade de pessoas que vivem em suas casas

Gráfico 01 - quantidade de pessoas que vivem em sua casa



Fonte: dados da pesquisa, CRUZ,2023.

Além da quantidade de pessoas, eles relataram que o fato de não terem um espaço adequado para estudar eram alguns dos motivos deles não conseguirem se concentrar: alguns tinham que estudar na cozinha enquanto a mãe fazia o almoço; na sala ou quarto, mas sempre dividia com alguém. Além disso, afirmaram que outros fatores tiravam a concentração à exemplo: barulho da rua; receber muitas visitas; uso de redes sociais; a falta de entendimento dos pais sobre os horários de estudo.

Em relação ao acesso à internet e se eles tinham celular próprio, computador ou notebook para o desenvolvimento das aulas remotas, os dados apontaram que 79% dos alunos tiveram acesso ao celular próprio. Porém eu também tive essa experiência de estudos pelo celular e posso afirmar que foi muito ruim, pois o celular reduz muito a nossa capacidade de concentração, por ser uma tela pequena e devido as notificações que ficam chegando. Usar as redes sociais, por exemplo, durante o horário de estudo tira totalmente o nosso foco e consome muito o nosso tempo.

Quadro 01: caracterização tecnológica dos alunos	
Tiveram acesso a internet	100%
WIFI	96%
Dados móveis	4%
Internet boa:	48% sim e 52% às vezes
Celular próprio	79%
Usa celular de um membro da família	9%
Notebook próprio	8%
Usa notebook de um membro da família	4%

Fonte: dados da pesquisa, CRUZ,2023

Além do acesso à internet ser desigual, a maioria dos alunos acessaram a rede a partir do aparelho celular (ARRUDA, 2020) que tem tela pequena, algumas vezes de baixa qualidade de resolução, e que precisam ser segurados na mão sem quaisquer suportes. Esses, entre outros aspectos, a nosso ver, contribuíram para a baixa adesão dos estudantes ao ensino remoto, colocando mais uma vez em xeque a democratização da educação escolar durante o período pandêmico.

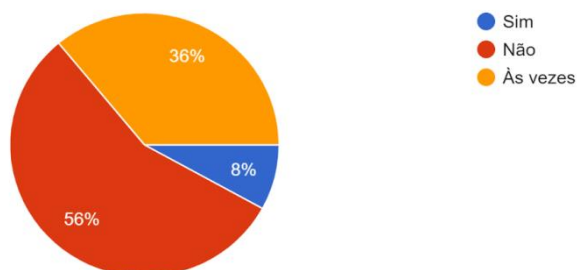
Como os alunos avaliam o ensino remoto e o continuum curricular: repercussão em suas aprendizagens.

Como reflexo da pandemia de 2020, a área educacional ainda sofre as consequências da paralisação do ensino presencial. Os docentes, num contexto de extrema urgência, tiveram que se adaptar à proposta do Continuum Curricular e, ao mesmo tempo, organizar aulas remotas, atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientavam pelos princípios da educação presencial (ROSA, 2020), necessitando possuir habilidades com várias ferramentas voltadas para o manejo tecnológico como, por exemplo: Google Meet, Plataforma, Moodle, Chats e Live (Transmissão ao vivo). E em relação aos alunos? Como eles vivenciaram este processo?

Em relação à aprendizagem, foram realizadas algumas perguntas como: Você conseguiu aprender sozinho (a) o assunto das disciplinas, através do material disponibilizado pela escola? Você acha que os conteúdos disponibilizados pelos professores durante a pandemia foi o suficiente para dar continuidade a série seguinte? Na sua opinião fazer duas séries em um mesmo ano possibilitou compreender, realmente, o conteúdo abordado?

Como pode ser observado no gráfico 2, quando questionados se conseguiram aprender sozinho (a) o assunto das disciplinas, através do material disponibilizado pela escola, 8% dos estudantes investigados responderam que sim, 56% responderam que não e 36% responderam que às vezes. Se apenas 8% responderam que conseguiram aprender com as aulas remotas, percebe-se que uma quantidade muito grande de estudantes não conseguiu assimilar os assuntos

Gráfico 2 - Conseguiu aprender os assuntos através de material disponibilizado pela escola?



Fonte: dados da pesquisa, CRUZ,2023.

Estes resultados vão ao encontro dos resultados socioeconômicos e tecnológicos dos estudantes, quando eles relataram que não tinham um local ideal para estudar em casa e outros fatores que tiravam a concentração. Entre os estudantes que não aprenderam, o que se repetiu mais em suas respostas foram expressões como: a “*falta do professor para explicar o assunto ou esclarecer as dúvidas*”; “*desmotivação*” e *atividades para cumprir uma burocracia*”

Quando solicitados que opinassem sobre quais as repercussões de cursarem duas séries em apenas um ano letivo, o que se repetiu mais em suas respostas foram expressões como: “*aprovação sem conhecimento*”; “*falta de explicação detalhada dos assuntos*”; “*sem tempo suficiente para explicar o conteúdo de duas séries*, o quadro a seguir detalha essas categorias.

Quadro 02: o que ocasionou essa defasagem na aprendizagem e no seu rendimento escolar	
Aprovação sem conhecimento	<i>Fui promovido de série sem nenhum conhecimento; por que tive que fazer duas séries em um ano é tanto que tô tendo dificuldades agora e fui reprovado ano passado por consequência do modelo das aulas durante a pandemia.</i>
Falta de explicação detalhada dos assuntos	<i>Ficou sem esmiuçar os assuntos; por falta de explicação nas aulas remotas, a maioria dos assuntos só passava, mas o explicar não acontecia.</i>
Sem tempo suficiente para explicar o conteúdo de duas séries	<i>Pouco tempo pra muito conteúdo; não teve tempo suficiente para explicar o assunto e saiu atropelando muita coisa que era essencial para a série em curso; o que era pra ser em dois anos os professores aplicou em um ano, foi uma confusão, uma mistura de assuntos, nem sabia mais em qual série estava estudando; por que os professores não se aprofundou os assuntos nas aulas remotas e também <u>os assuntos não foram lembrados no presencial.</u></i>

Fonte: dados da pesquisa, CRUZ,2023.

No tocante ao nível de avaliação dos alunos a respeito de fazer duas séries contínuas, alguns estudantes avaliaram como vantagem, relatando que adiantou a vida dos mesmos, alguns acharam que foi desvantagem pelo fato de não ter estudado alguns conteúdos e isso está prejudicando atualmente e outros achou que foi vantagem em partes. Tal fato pode ter relação com as dificuldades relatadas pelos alunos como falta de motivação e de um local adequado para estudar, gerando uma maior dificuldade de compreensão e assimilação dos

conteúdos, além da deficiência de explicação dos assuntos, bem como, ausência de um planejamento e organização dos horários de estudos.

Quem são as professoras investigadas, quais as opiniões a respeito do ensino remoto, continuum curricular e o retorno das aulas presenciais?

Em relação as professoras investigadas, as 03 (três) lecionam a disciplina de Geografia nas turmas do ensino fundamental e médio, com tempo de atuação na escola entre 14 e 20 anos.

Inicialmente, indagamos às professoras como foi o período das aulas remotas, as mesmas apontou que um dos desafios foram as dificuldades em lidar com as novas tecnologias, computadores e equipamentos ou com a ausência destes, bem como a dificuldade de acesso à internet, o desafio foi duplo, pois o ensino remoto veio associado com a proposta do currículo continuum, que exigiu de nós (professoras) uma nova postura frente a prática pedagógica: uma postura alinhada a uma metodologia ativa, com a utilização de vários recursos tecnológicos inovadores para fazer o ensino chegar ao aluno.

Em seguida, indagamos as professoras sobre as principais dificuldades enfrentadas na volta ao ensino presencial e como estas estavam lidando com esta nova realidade. Suas respostas indicaram que a pandemia afetou a todos, alguns de maneira irreparável: mais da metade dos alunos demonstram um atraso de uma média dois anos; alunos que não apresentam as habilidades condizentes com o ano/série em que estão matriculados. Outro fator apontado pelas professoras foi a dificuldade dos alunos de voltarem à rotina escolar, pois, segundo elas, *quase um ano após o retorno ao presencial, alguns alunos ainda se encontram em processo de readaptação à rotina escolar.*

No retorno das aulas presenciais, a escola recebeu alunos com muitas dificuldades de aprendizagem, principalmente por não terem desenvolvido as habilidades específicas para a etapa de ensino que se encontravam. O continuum curricular previa, justamente, que os conteúdos programados no currículo fossem trabalhados de forma contínua e sempre voltado para superar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Diante disso, questionamos a opinião das professoras sobre a proposta do continuum curricular e como foi trabalhada durante as aulas remotas

As professoras avaliaram a proposta do currículo curricular como um retrocesso educacional. Suas respostas indicaram as dificuldades em trabalhar as defasagens específicas dos alunos, tendo em vista que as turmas eram heterogêneas e as avaliações diagnósticas realizadas no

retorno ao presencial evidenciou o acúmulo de defasagens de 2020 e 2021 difíceis de serem sanadas.. As professoras assim se expressaram:

[...] isso foi puro engano, não teve como não haver perdas, achei essa proposta desnecessária, o que importa é a qualidade de ensino, se tivesse feito apenas uma série hoje a realidade de aprendizagem seria outra, de outra qualidade (MANDACARU 2023).

[...] a SEC acreditava que os alunos não teriam prejuízo; naquele momento de pandemia se o fluxo tivesse contemplado os alunos que tinham feito interações com sua turma e com o professor e somente esses alunos então eu entenderia como benéfico, mas alcançar estudantes que não fizeram nenhuma troca de ideias aí ficou completamente desrespeitoso para todos que participaram e/ou buscaram participar do processo de aprendizagem. (JUAZEIRO 2023)

[...] não concordo, pois os nossos alunos não foram (são) preparados para tal. (AROEIRA 2023).

Em síntese, as três professoras disseram que o continuum curricular afetou o rendimento escolar dos alunos(proposta que foi trabalhada durante as aulas remotas). Mandacaru disse que como professora, pode ver no cotidiano escolar esse prejuízo:

alunos promovidos para a série seguinte que não sabem conteúdo básico, nem sabem ler. E em relação a disciplina de Geografia alguns alunos apresentam muitas lacunas nos conteúdos de modo a atrapalhar a aprendizagem dos outros. Além disso, muitos não sabem o básico como: identificar o Brasil da América do Sul, não conhecem os continentes, confundem com nomes de países; não conseguem entender mapa, gráfico; regiões do Brasil, regionalização; e não sabem nada de geopolítica.

É notório que o ensino remoto e o continuum curricular gerou uma grande repercussão na aprendizagem dos alunos. Como reflexo da pandemia de 2020, a área educacional ainda sofre as consequências da paralisação do ensino presencial em todas as escolas. Os docentes, num contexto de extrema urgência, tiveram que se adaptar à proposta do Continuum Curricular e, ao mesmo tempo, organizar aulas remotas, atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientavam pelos princípios da educação presencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi possível conhecer um pouco sobre as experiências vivenciadas pelos alunos e professores de geografia e todas as limitações que foram impostas no ensino remoto. A pesquisa indicou que a pandemia, ao forçar a recriação da escola, impôs desafios de ordens diversas para todos, evidenciou fragilidades e agravou problemas. Os docentes precisaram estabelecer novas rotas para dar prosseguimento ao processo de ensino-aprendizagem de seus

alunos. Também constatamos que a falta das aulas presenciais foi um problema que ocasionou desinteresse e um déficit na aprendizagem dos alunos.

Diante dos resultados obtidos é perceptível que o modelo das aulas durante a pandemia e a proposta do continuum curricular impactou negativamente na aprendizagem dos estudantes, além de outras adversidades como dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos e inexistência de um ambiente adequado aos estudos, que por sua vez influenciou no rendimento do aluno, como também a falta de motivação nesse processo, contribuindo para acentuar as dificuldades.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. **Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** Em *Rede: Revista de Educação a distância*. v. 7, n. 1, 2020.

BAHIA. Portaria no 711, de 10 de março de 2021. Salvador: Secretaria de Estado de Educação da Bahia, 2021.

CARDOSO, Beatriz. **Desafios para a educação pública agora e depois da Covid-19.** Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/iniciativas/debates/desafios-para-a-educacaopublica-agora-e-depoisda-covid-19> . Fundação FHC, 08 de maio de 2020/transmissão online - via Zoom.

Ferreira, M,F. Monteiro, E,C. **O continuum curricular: consequências e desafios enfrentados por uma escola da rede municipal de ensino de campina grande(pb).** VII congresso nacional de educação, Conedu.

STEVANIM, Luiz Felipe. **NINGUÉM PARA TRÁS.** Campanha Nacional de Educação. São Paulo, 10 de set. de 2020. Disponível em: <Exclusão nada remota | CNDE (campanha.org.br)>. Acesso em 05 mai. 2023.